

## **II Encontro do núcleo de psicologia infantil e adolescência – NUPIA/ IJUSP (digital)**

**Agosto 2020**

**“Presença e escuta: afetuosa conexão”**

**“Ansiedade parental: ambiguidade do olhar e a  
necessidade de uma escuta ressignificada”**

Denise Maia

Agosto 2020

*“Sempre que estabelecemos uma relação com uma criança em qualquer base que não seja a da sua própria individualidade, violentamos algo na sua alma”.*

*Francis Wickes (1931)*

Há poucos meses fomos assolados por uma terrível realidade pandêmica que atingiu a todos, levando-nos ao isolamento em nossas casas e à união e solidariedade coletiva, no sofrimento.

Pais e filhos se mantiveram 24hs por dia e muitos dias juntos, numa diferente experiência, convidados a redescobrir uma nova forma de convivência e a compartilhar dificuldades e desafios.

Um dos maiores aprendizados deste tempo diz respeito à capacidade de enfrentamento às situações adversas. É pelo incômodo e a angústia que trabalhamos com o que nos é desconhecido ... pais e filhos, todos aprendendo e se tornando mais resilientes.

Isto é um dos mais importantes instrumentos que as crianças podem levar para o futuro: a habilidade possível frente ao inusitado.

Vivemos um cenário de tantas solicitações, cobranças e exigências em vários âmbitos, que os pais se vêem ansiosos e angustiados para preparar seus filhos para ser, ter e fazer de tal forma que quando adultos, respondendo no futuro às expectativas e demandas, possam se tornar pessoas realizadas. O desejo dos pais é de criar filhos saudáveis e felizes, oferecendo-lhes possibilidades para que se desenvolvam plenamente.

Hoje o contato com o outro é intermediado pelo virtual, o que por um lado traz ampliações e novas possibilidades de relação, mas pelo excesso, pode trazer o sentimento de vazio, solidão e não pertencimento.

O uso equivocado destes instrumentos, provoca um distanciamento do mundo real, com perdas significativas na relação e na conexão com o outro.

Há muitos sentimentos envolvidos, entre eles incertezas, medo, desamparo, abandono e não acolhimento.

Crianças precisam viver o mundo real, compartilhando com os pais experiências e afeto.

Estas são situações que precisam ser cuidadas e estimuladas pelos pais desde cedo. Interação, brincadeiras e convivência, promovem uma maior intimidade, alimentando e ajudando a estabelecer critérios para cada situação vivenciada.

Pais e filhos conectados uns aos outros, fortalecem o vínculo, base estruturante no caminho do desenvolvimento individual.

Com todos os recursos e estímulos existentes hoje, o olhar, o toque, a presença são ainda e sempre serão, fontes primárias e primordiais, solo afetivo na construção e constituição da personalidade dos filhos, preparando-os para estarem no mundo.

Pensando em cuidar e oferecer o melhor para as crianças, os pais antecipam situações sem olhar, escutar e acompanhar as características individuais do filho, sem entender os estímulos necessários que poderiam contribuir para o processo da criança se tornar cada vez mais ela mesma.

Na tentativa de acertar, acolher e promover recursos, confusões, incompreensões e má orientação, levam os pais a intervenções inadequadas, precipitando situações e muitas vezes deixando de oferecer sua escuta e amorosa presença.

O olhar para as necessidades da criança, a busca de orientação profissional adequada, pode ajudá-los à refletir, à compreender e à conduzir como cuidadores, suas angústias e inquietações, respeitando e entendendo as necessidades de cada fase, sem antecipar etapas.

Em minha prática clínica recebo pais de crianças muitas vezes ainda pequenas, preocupados em que escola devem colocar o filho para que possa entrar em boas faculdades...e a oferta é tão grande de

escolas brasileiras, bilíngues, internacionais, o que traz ainda mais dúvidas.

O que é esperado para cada idade? Quais as reais necessidades de uma criança de 4, 5 anos em termos de instituições educacionais?

A criança mais agitada e intolerante, o que está dizendo a partir destes sintomas? Seria hiperativa?

Tem distúrbios de atenção? Déficit no processamento auditivo central?

E ainda aquela que apresenta dificuldades em lidar com frustração e limites, numa postura birrenta e desafiadora?

São muitas as dúvidas e inquietações – são muitos rótulos, testes e possíveis medicações que parecem cuidar e encaminhar as crianças. Ao se desejar resolver dúvidas atropeladamente, deixa-se de naturalmente viver e acompanhar cada momento na vida do filho... escuta, afeto, cuidado, brincadeira... a presença amorosa que observa e orienta.

Há tanta informação hoje que vem inclusive de relações virtuais mas falta espaço para observar junto – construir.

Um cuidado que deveria permear as relações pais e filhos é a atenção dos primeiros em acolher e observar como os filhos se mostram, entendendo como eles realmente são.

Observam-se meninos e meninas transitando por lugares diferentes de outras épocas, em que a educação era mais tradicional e os papéis mais definidos.

Meninas e meninos tinham características consideradas femininas ou masculinas.

Hoje meninas não são unicamente as princesas que aguardam seus príncipes e usam laços de fitas, também são guerreiras que usam arco e flecha, lutando pelo que desejam, valentes e corajosas.

Os meninos são mais sensíveis, nem sempre se identificando com a luta, o futebol e a força bruta. Muitas vezes estão voltados à arte, à conversa, aos atributos considerados mais femininos.

Com frequência observam-se irmãos tão parecidos em termos da dinâmica familiar e criação, e tão diferentes quanto a atitudes e características individuais.

Enquanto um adora lutar, jogar bola e brincar com atividades mais embrutecidas e de contato físico, o outro se afasta e demonstra interesse por atividades consideradas mais femininas: brincar de casinha, cozinhar, pintar, usar brilho e cores mais vivas.

Nesta situação chegam pais no consultório, aflitos e inseguros com relação às suas atitudes, pois querem que o filho sinta-se apoiado incondicionalmente e sem preconceitos ou angústias por ele ter preferências tão diferentes do pai e do irmão, e do considerado mundo masculino. Além disto, já trazem pesquisas e investigações da internet sobre homossexualidade, identidade de gênero e transgêneros e a dificuldade nestes casos de as crianças ao crescerem, se assumirem em suas particularidades perante o mundo.

Observo que ao olharem para o filho com características já definidas aos 4 anos de idade, não conseguem lhe oferecer, possibilidades diferentes ou novos estímulos e assim ele vai se aproximando cada vez mais das figuras menos ameaçadoras as quais lhe são mais familiares: mãe, avó e portanto de atributos considerados femininos.

O pai pode se afastar por não querer cercear os desejos do filho, ao mesmo tempo em que não sabe lidar com um “código” para ele estranho. Não são oferecidas ao filho outras possibilidades e referências, permitindo-lhe vivenciar novas formas. Atributos femininos vão sendo solicitados: bonecas, fantasias de princesas já que são

objetos que mais lhe agradam... nem ao menos referências de adequação social os pais lhe oferecem.

O pai que se afasta por não conseguir lidar, com o filho, não o legitima, não o espelha nem lhe dá referências...

Ao não confrontarem o que observam no comportamento do filho e na tentativa de acolherem o que imaginam que já está sedimentado, os pais deixam de oferecer outras possibilidades e referências, inclusive de limites e códigos sociais, não percebendo que a criança se expõe a situações inadequadas.

Como pensar e qualificar uma criança de 4 anos quanto à uma orientação sexual já definida?

Um menino por se identificar com situações não valorizadas pelo universo masculino, poderia já trazer características definitivas em seu processo de construção de identidade?

A presença dos pais, o contato, a escuta, a brincadeira e a vivência com o universo masculino são a matéria prima no processo de formação da pessoa que seu filho vai se tornando. Nada mais natural do que a proximidade e o vínculo do pai e do filho. Quanto mais o pai está ausente, mais o filho se aproxima da mãe e de figuras femininas, um mundo mais acolhedor e familiar para ele.

O papel do pai é o de fornecer ao filho, a noção de sua agressividade e de sua capacidade de lutar e combater para conquistar seu espaço.

Ao estarem afastados um do outro pela ausência paterna ou distanciamento, ambos entram em sofrimento – o filho não tem a presença paterna para inspirar e espelhar valores masculinos e assim o processo de identificação tão importante no desenvolvimento da masculinidade não é vivenciado.

A dinâmica patriarcal ausente, não oferece a diferenciação dos filhos, ao contrário, intensifica a presença materna em seus atributos femininos e na infantilização e imaturidade dos mesmos. Falta o olhar que espelha, confirma e reconhece...

É através do outro, no caso do pai que a natureza do filho se revela...

Segundo Ceres Araújo, “a sabedoria do papel de pai está em transmitir os valores ao filho e deixar que ele escolha o melhor para si com base nas próprias experiências – esta é uma base importante na formação da criança em se tornar quem ela é”.

Pelo receio de parecer dirigir a escolha da criança os pais deixam de dar referências importantes.

Segundo Francisco Assumpção Junior, psicólogo e psiquiatra infantil:

“Ser tolerante e compreensivo com as características que eventualmente o filho apresente é diferente de considerá-lo capaz de avaliar as consequências de suas decisões – ele precisa ser esclarecido e apoiado. Os valores da casa, da família e da cultura que fazem sentido para os pais, devem ser estimulados ... os pais não podem avaliar a criança como um adulto, segundo suas angústias e anseios. As questões da criança a maior parte das vezes são cotidianas e concretas e pedem para ser encaradas, respondidas e orientadas, como tal”.

A criança está na fase de desenvolver a autoestima, de perceber e respeitar regras e de ser auxiliado a se tornar autônomo. Ela vai

amadurecendo, a partir das referências e atitudes dos pais sem ainda ter capacidade de decidir e escolher grandes coisas.

Crianças com o perfil acima descrito, apresentam-se imaturas emocionalmente, ainda no mundo da mãe, identificadas com o excesso de presença e cuidados maternos.

Os pais se cobram tanto com relação à criação é a educação das crianças, que muitas vezes são incapazes de enxergar com clareza as necessidades de seu filho.

Para que a independência da criança se concretize, a mãe precisa diminuir seu poder protetor sobre o filho e permitir que ele se aproxime do pai, cujo papel é estimular o interesse pela novidade e conduzir o filho para o mundo. Identificado com o pai que é seu modelo, o menino afirma sua virilidade – é o pai que mostra ao filho como fazer escolhas e assumir responsabilidades, num papel de companheiro de aventuras, ensina brincadeiras e vivências do mundo masculino.

A criança é um vir a ser, uma personalidade em construção... está nela seu daimon, sua semente que conduz o seu caminhar. Mas os estímulos que lhe são oferecidos, o meio no qual está inserida, interferem e complementam, dando forma à pessoa na qual ela vai se constituindo. É importante que os pais contribuam para que seu filho cresça bem: escuta, presença, aspectos lúdicos e muita conversa..., processo natural na vida de uma criança, promovendo possibilidades, orientando e dando limites além de mostrar consequências.

Os pais dão referências mostrando como são e falando também sobre a criança que foram no passado e que está atualizada na relação com os filhos.

Como é possível a partir de uma mudança de atitude e uma diferente compreensão, os pais ajudarem a criança a experimentar

outros estímulos e formas para que também ela possa se ver de maneiras diferentes?

Devemos nos lembrar de que o olhar dos pais sobre a criança afeta e influencia a maneira como ela se vê.

Novos estímulos quando estão disponíveis e são vivenciados, permitem à criança torna-se mais segura e mais consciente de si - mais independente e assertiva além de demonstrar mais autonomia em suas escolhas e colocações.

Em “A poética da infância”, os autores Severino e Kátia escreveram:

“Entre tantas vozes e sujeitos, a criança precisa à sua medida ir construindo sua própria voz”...

Ela vai se desenvolvendo e tendo sua concepção do mundo que a cerca.... descobrindo o que dizer, e precisando de diálogo, de escuta e de um cuidadoso olhar...

“A empatia dos pais e cuidadores é fundamental na relação com esta criança, na escuta de sua voz, no acolhimento de suas dores e de seus sonhos, cultivando seus desejos de aprendizagem e de vida”

Após finalizar minhas reflexões, gostaria de lembrar que em tempo de angústias, incertezas e grandes mudanças coletivas, trazer à memória vivências ancestrais de como a humanidade e as famílias passaram e resistiram a situações inimagináveis e sobreviveram, nos traz referências importantes. Ao revisitar o passado, podemos compreender melhor o presente.

Sem dúvida o mundo não será mais o mesmo e novos paradigmas nos convidam à novas atitudes – pais e filhos juntos, num aprendizado

mútuo, compartilhando gestos, sentimentos e inquietações, o que poderá conduzir à importantes descobertas.